



## Investimento humano

Não se vê possível focar qualquer ideia (nos factos, na doutrina ou na polémica) que não tenha sido assente e amadurecida acerca da relação «desenvolvimento-investimento», na qual se deduza que aquele depende deste. Não adianta muito avançar, neste campo, com novas considerações esclarecedoras ou opinativas.

No suposto, sem discussão portanto, de que não há desenvolvimento sem investimento, estas reflexões limitam-se ao sector da indústria da electricidade e, nesta área, respeitam restritamente a um tipo de investimento produtivo que se corporiza, ano a ano, no aperfeiçoamento da qualidade profissional do pessoal activo. Esse dispêndio afecta aparentemente os custos do trabalho; mas encontra o seu proveito, necessário posto que diferido, na produtividade e na expansão do empreendimento. Já se escreveu neste mesmo lugar que: **na óptica da apreciação qualitativa do trabalho sectorial, a electrotecnia abrange — de ponta a ponta da sua extensa projecção social — todos os graus que caracterizam racionalmente a disponibilidade humana.**

Neste entendimento, o serviço da energia eléctrica e a indústria electromecânica e electrónica caracterizam-se pelo envolvimento de grande variedade de técnicas profissionais racionalmente preparadas, o que implica grande influência da preparação adequada do pessoal activo da produtividade da exploração.

No enquadramento circunstancial da actividade electrotécnica desenha-se indiscutivelmente a necessidade de investir (e de que maneira...) na expansão e na eficácia dos meios de produção. Por outro lado, a aceleração sistemática do produto é factor saliente da expansão sectorial; conseqüentemente, o empolamento do investimento em bens materiais é urgente e imperioso; e a capitalização será efectivamente muito grande na relatividade nacional. Mas, também, o investimento paralelo e compassado na preparação do meios humanos é preponderante e necessário, na planificação e no êxito do desenvolvimento social.

Nesta acção didáctica, não parece que deva atribuir-se às actividades económicas, o desbistar da **pedra em bruto**, tal como se refere Vieira no seu sermão.

As ciências pedagógicas e a escolaridade determinam a arte e o ofício de desbravar o caminho do ensino, do polimento, da civilização, em todas as hierarquias do saber, desde ler e contar até à inves-

tigação superior. Cremos ser essa a missão que serve de base, em todos os graus, à actividade profissional; porque é essa a instrução que nos «ensina» a «aprender»...

Em todos os níveis de especialização e da capacidade produtiva de cada homem, todavia, só depois se aprende quase tudo quanto será útil saber-se.

Com efeito, aquela gente (ensinada, polida e civilizada) e algumas mais, constituem o potencial humano que a escolaridade nos oferece como população activa das sociedades civilizadas. O valor esperado do que cada pessoa possa socialmente produzir depende dela evidentemente; mas — sobretudo — do que vier a aprender e souber, através da sua ocupação profissional.

Com o andar do tempo, acentua-se a necessidade social de melhorar a qualidade do trabalho, portanto, o rendimento.

Conseqüentemente, se considerarmos que a aprendizagem e valorização do trabalho profissional dependem:

- 1 — basilarmente, dos **serviços** de ensino de âmbito nacional;
- 2 — complementarmente, dos sectores da produção e serviços industriais;

toda a acção evolutiva terá de precaver-se do máximo aproveitamento dos recursos humanos e materiais circunstancialmente disponíveis.

Não se pode perder nada, quando são modestas as fontes que nos abastecem.

A linha de rumo do nosso desenvolvimento, portanto, terá de inspirar-se na aproximação e na programação concertada daqueles sectores que são essenciais à preparação da população activa.

As empresas mais destacadas da indústria nacional da electricidade terão de contar sucessivamente, nos seus planos de expansão, com o **investimento humano** orientado para a política de aprendizagem teórica e prática do respectivo pessoal. A colaboração com as escolas e universidades e o aproveitamento dos meios materiais e humanos disponíveis no País, são o apoio certo para a conjugação de esforços que o desenvolvimento nacional impõe.

F. do A.